

A VOZ MÉDIA DO GREGO ANTIGO: PERCURSO SINCRÔNICO ACERCA DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Caio Vieira Reis de CAMARGO¹

Resumo: Nosso objetivo, neste artigo, é trazer um panorama sincrônico *acerca* dos estudos *acerca* da voz média, considerando sua coexistência com as vozes ativa e passiva, não somente em línguas em geral, mas também, mais especificamente, no grego antigo, desde as abordagens das gramáticas antigas, até os trabalhos linguísticos de nosso século, que tomam por base a teoria funcional-cognitiva, numa abordagem baseada em corpus. Sendo assim, verificaremos como diversos autores ora convergem ora divergem nas definições estabelecidas e como elas podem ser aplicadas no variado emprego da voz média na língua grega antiga, contextualizando exemplos e esmiuçando as principais características que definem esse traço específico na língua helênica.

Palavras-chave: voz média; grego antigo; percurso sincrônico.

Abstract: This paper aims to present a diachronic study concerning the linguistic approaches about the middle voice, not only generally speaking, but specifically in ancient greek, from grammatical approaches to linguistic researches from our century, based on a functional-cognitive and corpus-based approach. Thus, we will show how so many authors diverge or converge when defining the middle voice. Hence, we will try to find a common-spot between them, in order to classify the variant greek middle voice usage.

Keywords: middle voice; ancient greek; diachronic study.

Introdução

As gramáticas do grego antigo deixam clara a existência de três vozes verbais presentes na língua, todas marcadas morfologicamente, sendo elas: ativa, passiva e média. De modo comparado às línguas modernas, principalmente em relação às línguas neolatinas, as duas primeiras operam por meio de mecanismos semelhantes, enquanto a média, por sua vez, torna-se um traço restrito às línguas clássicas². É comum um iniciante nos estudos do grego antigo, ao primeiro contato com a terminologia *média*, associá-la à voz reflexiva, presentes nas

1 Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista – UNESP –Araraquara Faculdade de Ciências e Letras Rodovia Araraquara-Jaú km 1 – 14800-901 Araraquara – SP. Correio eletrônico: caiocamargo1986@gmail.com.

2 A fim de não irmos de encontro aos trabalhos mais recentes, pensamos na voz média como uma categoria morfologicamente marcada nas línguas clássicas, não nos referindo à questão semântica, abordada por muitos autores nos estudos de línguas modernas.

línguas modernas, muitas vezes em decorrência das explicações que encontra em materiais de apoio a esse assunto. Entretanto, à medida em que este aluno se depara com os textos helênicos, nota que, por mais que exista, ocasionalmente, alguma semelhança entre elas, há empregos da língua medial que não condizem com a forma de operação de sua língua nativa.

Quando pensamos em voz média grega, a primeira distinção feita em relação à ativa refere-se ao ponto de vista morfológico, já que ambas apresentam formas distintas. Um aprendiz de grego, ainda em estudos iniciais da língua, provavelmente identificará as diferenças das construções das vozes verbais diante da presença de diferentes desinências assinaladas morfológicamente, tal qual na tabela abaixo, em que dispomos a conjugação do verbo στέλλω³ no presente do indicativo e no imperfeito do indicativo, em suas formas ativa e média:

Presente do indicativo ativo	Presente do indicativo médio
στέλλω	στέλλομαι
στέλλεις	στέλλῃ
στέλλει	στέλλεται
στέλλομεν	στέλλόμεθα
στέλλετε	στέλλεσθε
στέλλουσι(ν)	στέλλονται

Imperfeito do indicativo ativo	Imperfeito do indicativo médio
σέλλων	σέλλομην
σέλλες	σέλλου
σέλλε	σέλλετο
σέλλομεν	σέλλόμεθα
σέλλετε	σέλλεσθε
σέλλον	σέλλοντο

A partir do momento em que se identifica uma distinção morfológica entre elas, qual, então, a diferença de significado entre ambas? Nesse sentido, as formas médias, então, encontradas no texto não podem ser substituídas, sem prejuízo de sentido, por uma construção ativa? Qual seria o motivo para o desaparecimento da voz média nos

³ O verbo στέλλω, uma vez polissêmico, nas vozes ativa e média pode significar *vestir* (algo ou alguém) e *vestir-se*, respectivamente. Curioso ressaltar que, nesse caso, o emprego da média, em termos de tradução, coincide com a construção reflexiva do português. Essa equivalência, entretanto, conforme ressaltamos, limita-se a uma parcela de exemplos da medial.

sistemas linguísticos das línguas modernas? Uma vez existente, em alguns casos, certa proximidade entre voz média e reflexiva, quando não há, como compreendê-la?

Os dicionários de grego, quando diante da possibilidade de um verbo com formas ativa e média, apresentam as diferenças de significado entre ambas, algumas vezes com exemplos contextualizados, sem, contudo, aprofundar na questão, o que nem sempre satisfaz a dúvida do estudioso. Se estamos diante de um verbo, com forma ativa e média e sentidos diferentes, resta a pergunta: por que essas formas coexistem e em que consiste essa diferença?

Embora haja sinônimos, a coexistência de três vozes verbais, especialmente ativa e média, sugere-nos que os autores, e possivelmente os falantes, tornavam essa escolha motivada, de modo a ser possível encontrar uma sistematização para a alternância dessas ocorrências. Normalmente, atribui-se à voz média uma fala de um sujeito que tem interesse na ação que se propõe a realizar, ou a função reflexiva que conhecemos, por exemplo, na língua portuguesa. No entanto, essas duas definições, mesmo que possíveis em determinadas aplicações da medial, não são capazes de abarcar o variado leque de seu uso.

Neste artigo, faremos um percurso sincrônico dos estudos teóricos sobre a voz média e, especificamente no grego antigo, mostraremos como podemos usar as definições, desde gramáticos antigos, até linguistas contemporâneos para entender seu mecanismo na língua helênica.

A voz média: dos gramáticos da Antiguidade aos pesquisadores contemporâneos

Historicamente, a categoria de voz tem suscitado muita dificuldade, tanto no que se refere a questões conceituais quanto no que diz respeito a sua tipologia. Na Antiguidade, o estudo da gramática iniciou-se com Dionísio Trácio, que escreveu um tratado breve e metódico, intitulado *Téchnegrammatiké*. No parágrafo 13, *Do verbo*, esse autor se refere já às três vozes verbais, que ele denomina *diáthesis*: a ativa (*enérgeia*), a passiva (*páthos*) e a média (*mesótes*). A voz média é por ele definida como a que indica ora atividade, ora passividade. Conforme Boehm (1998), o termo *diáthesis* tem sentidos

variados para os gramáticos gregos, podendo variar entre “dispor”, “organizar” e “pôr em tal ou tal disposição o espírito ou o corpo”. Para ela, na *Téchnegrammatiké*, *diáthesis* corresponde à relação entre os agentes com o processo e sublinha a coincidência entre a oposição das formas e a oposição semântico-sintática.

Também merece menção a obra de Apolônio Díscolo, que deixou uma obra vasta, mas cuja maior parte não chegou até nós. Esse autor também se refere às três vozes, em sua obra *Da sintaxe* III. Segundo Neves (1987), para esse autor, a voz média representa uma convergência do sentido passivo e do ativo, embora algumas formas médias só tenham significação ativa e outras só tenham significação passiva.

Os gramáticos latinos, herdeiros da teoria gramatical grega, não empregam, entretanto, a designação *diáthesis*, mas forjam vários termos para expressar essa noção. Varrão, por exemplo, emprega três termos, *significatio*, *genus* e *modus*, mas o termo que se estabelece é *vox*, *voz*, correspondente ao grego *phoné*, que pode ter tido o sentido de *significante*. Na tradição gramatical latina, a classificação do verbo segue o princípio morfológico e a tradição europeia segue esse mesmo procedimento. A França segue a terminologia latina, empregando o termo *voz*. Assim são os estudos de Humbert (1963) e de Chantraine (1988), por exemplo. Em sua obra *Syntaxe Grecque*, Humbert (1963) refere-se às dificuldades para o ensino e para a compreensão da voz média. Esse autor afirma, como citado no excerto abaixo, que essa dificuldade está diretamente ligada aos antigos gramáticos, tendo em mente os gramáticos de Alexandria.

Na realidade, enganados pela importância *lógica* da oposição entre *agente* e *paciente*, os gramáticos antigos consideraram como essencial a distinção da ativa e da passiva: consequentemente, eles deixaram num plano *secundário* e *equivocado* a média. No entanto, se considerarmos conjuntamente o desenvolvimento das vozes nas línguas indo-européias e sua história no próprio grego, constata-se que há apenas duas vozes *fundamentais*: a ativa e a média; a passiva constituiu-se, lentamente, apenas às custas da média, da qual ela tomou emprestada a maior parte de suas formas e à qual ela permanece profundamente associada (HUMBERT, 1963,p.65).

Outros estudiosos retomam as reflexões gregas e propõem um retorno à nomenclatura grega, referindo-se assim, à diátese. Entre

esses estudiosos podem ser citados Benveniste (1966) e Vendryès (1948). Lima (2008) reforça essa dificuldade na categorização verbal constante nos estudos linguísticos:

Os estudos linguísticos em bases estruturais e gerativistas não têm conseguido até o momento dar conta da categoria de voz. Camara Jr. (1977, s.v.voz), por exemplo, amparado num critério formal, considera como vozes a ativa, a passiva e a reflexivo-medial, mas define mal a voz medial que ora é considerada como um tipo de voz, ao lado da passiva e da ativa, ora é tida como subtipo da passiva (médio-passiva) (LIMA, 2009, p.3).

Goodwin (193), por exemplo, resume três empregos de voz média, sendo eles classificados como: a) um sujeito que age sobre si próprio; b) um sujeito que age para si próprio ou com referência para si; e c) um sujeito que age num objeto que lhe pertence. Em seguida o autor afirma que a média, por vezes, não diz nada além do que é dito na construção ativa mas, logo em seguida, alega a importância da distinção de significado entre as duas construções. Assim, diante de uma categoria verbal de difícil classificação, com construções passivas, transitivas, intransitivas e reflexivas, a voz média chamou a atenção dos mais diversos estudiosos, que buscaram, por meio de variados escopos, definir essa diversidade, na tentativa de estabelecer o sentido central da medial, mesmo que, em meio a essa versatilidade, fosse de caráter mais abstrato.

Um dos primeiros estudos que remete à abordagem sobre a voz média é o de Kühner e Gerth (1898), que afirma:

A forma medial designa um ato/atividade de fala/expressão, a qual parte do sujeito e retorna para ele próprio. Essa atividade de fala, que parte do sujeito e a ele retorna, pode estar ou simplesmente limitada ao sujeito, como em: *βουλεύομαι*, *eu me aconselho*, *λούομαι*, *eu me lavo*, ou a um objeto de sua esfera, (...), como em *έκοψάμεντήνκεφαλήν*, *eu bato na minha cabeça*, *κατεστρεψάμεντήνγην*, *eu subjugo o território*⁴ (...). (KÜHNER & GETH 1898, p.100).

Essa definição chama bastante atenção principalmente pelo fato de diferenciar-se tanto das definições de outros autores, surgidas

4 Die Medialform bezeichnet eine Tätigkeitsäußerung, welche von dem Subjekte ausgeht und auf dasselbe wieder zurückgeht. Diese von dem Subjekte ausgehende und auf dasselbe wieder zurückgehende Tätigkeitsäußerung kann entweder bloss auf das Subjekt beschränkt sein, als: *βουλεύομαι*, ich berate mich, *λούομαι*, ich wasche mich, oder auf ein Objekt seiner Sphäre, (...), als *έκοψάμεν τήν κεφαλήν* ich schlug mir das Haupt, *κατεστρεψάμεν τήν γήν*, ich unterwarf mir das Land.

posteriormente. No entanto, até certo ponto há uma proximidade para com as teorias contemporâneas acerca da voz média, tal qual a de *Startingpoint/Inicitor* (*ausgeht*, na citação), como também a de *Endpoint* (*zurückgeht*) na cadeia de ação, conceitos esses que serão abordados ainda neste artigo. Muitos estudos, principalmente os de sintaxe gerativa, utilizaram o termo *construção média* para designar um par alternativo em que o membro derivado designa uma situação genérica com um sujeito *paciente* e um *agente* implícito.

Nos estudos linguísticos mais contemporâneos acerca das vozes verbais, algumas formulações mais familiares acerca do sentido da voz média são:

- a) “A voz média denota que o sujeito está, de alguma maneira especial, envolvido ou interessado na ação do verbo.” (GILDERSLEEVE 1900, p.64);
- b) “Verbos (...) que têm posição na esfera do Sujeito, nos quais o Sujeito todo parece participante/implicado⁵” (BRUGMANN 1903, p.104)
- c) “Na voz ativa, os verbos denotam um processo que se realiza a partir de um sujeito e sem ele; na média, que é a *diátesis* a definir por oposição, o verbo indica um processo em que o sujeito é o foco; o sujeito está no interior do processo.” (BENVENISTE 1966, p.172);
- d) “Em indo-europeu e em grego, as desinências médias indicam que o sujeito está interessado de uma maneira pessoal no processo.” (MEILLET 1937, p.244).
- e) “As implicações da média (quando em oposição com a ativa) são que a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses.” (LYONS 1969, p.373).

Nessas definições, a princípio, há dois empregos da média: a média reflexiva direta (especialmente a de Gildersleeve e Meillet, voltadas para a questão do interesse do sujeito oracional) e a média recíproca, que envolve mais as construções passivas e intransitivas da média (ressaltada por Brugmann e Benveniste, com a noção de que o sujeito todo participa e que está interno ao processo). A definição de

⁵ Verba (...) die ihren Schauplatz in der Sphäre des Subjektshaben, beidenen das ganze Subjektalsbeteiligt scheint.

Meillet, por outro lado, é a mais comumente utilizada, principalmente, em gramáticas e métodos de ensino do grego antigo, atribuindo à média a noção de interesse por parte do sujeito, sendo que esse traço, embora existente em alguns casos, não é único e nem sempre tão evidente.

A definição de Lyons é a que mais se aproxima daquelas tratadas nas teorias mais contemporâneas, já que abarca os dois sentidos, o passivo (afeta o sujeito) e o sentido indireto reflexivo (seus interesses). O autor usa o verbo *afetar* num sentido amplo o bastante para ser aplicado a todos os sentidos da média, sentido este que adotamos em nossos trabalhos e também usado por Barber (1975), que defende o seguinte esquema para as implicações semânticas das vozes ativa e média no grego:

Ativa Simples (Plain Active) SS →	FullMiddle SS ↪
Reflexiva (Reflexive) SS ↪	Recíproca (Reciprocal) SS ⇄
Passiva (Passive) SS ←	

Para Barber (1975), SS quer dizer sujeito oracional, enquanto a seta aponta para a direção da ação, resultando em afetação. Assim, ele credita à média a noção de *afetividade do sujeito* em seu sentido mais amplo, de forma a contemplar tanto o papel de *paciente* (tal como ocorre na passiva, reflexiva e recíproca), bem como o traço de afetação em que o sujeito é similar ao objeto indireto (como na média reflexiva indireta). Como, porém, a noção de *afetação do sujeito*, pode ser identificada numa frase? Quais os mecanismos de sentidos a que podemos recorrer, a fim de identificar esse traço? A fim de elucidarmos essa questão, torna-se adequado retomarmos o conceito de transitividade prototípica estabelecido por Langacker (1971).

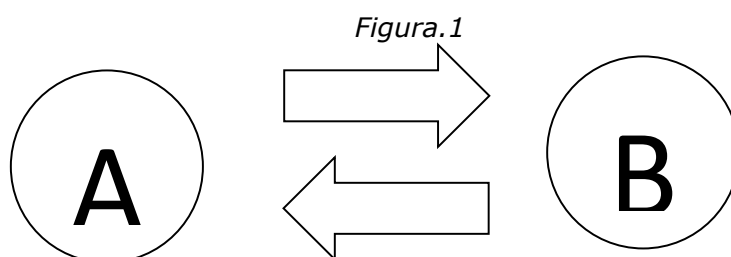
Vejamos as frases:

a) Ele abriu a porta	b) A porta abriu facilmente
c) A porta abriu de repente	d) A porta foi aberta

A oração transitiva prototípica não marcada (a) possui um agente sujeito, o objeto paciente e um verbo na voz ativa. As outras orações partem desse protótipo de uma maneira crucial: o *paciente* é codificado

como sujeito. As orações (b) e (c) estão, formalmente, na voz ativa, mas designam apenas a participação do paciente. Em (b) o advérbio facilmente implica os esforços de um agente não específico, que são facilitados pelas próprias características do paciente-sujeito (a porta). Em (c), a referência implícita a um agente não é saliente e pode estar completamente ausente. Orações como (b) e (c) são chamadas, às vezes, de *diátesis média*, uma vez que estão formalmente na voz ativa (pelo menos em português), embora, semanticamente, pertençam ao domínio da média. Na oração (d), apesar de o agente permanecer oculto, os esforços de um agente estão implicados. A construção passiva (d), portanto, difere de (b) e (c). Diferente desses exemplos em português, em que se analisa unicamente o sentido médio da frase, no grego, além do sentido, haverá, também, a marcação morfológica.

Assim, no evento transitivo prototípico, o início da cadeia de ação é o *agente* e sua cauda é o *paciente*. De maneira geral, o verbo nesse tipo de oração possui um sujeito-agente que volitivamente inicia uma atividade física resultando numa transferência de energia a um objeto-paciente que absorve a energia e, então, sofre uma interna mudança de estado. O verbo nessa construção está na voz ativa. A voz média pode ser definida como um código marcado de partida da transitiva prototípica. Ao contrário desta, o sujeito, de algum modo ou de outro, sofre o efeito do evento. Esse efeito pode ser de natureza física, mental e pode ser direto ou indireto (nesse caso envolve um objeto externo). A representação para essa situação seria a seguinte:



As setas representam o processo expresso pelo verbo e, nesse caso, mostram o traço *afetação do sujeito*, principal característica dos verbos construídos na voz média. Em outras palavras, a ação que partiu da entidade A, de alguma forma, teve efeito nela mesma, isto é, de alguma forma A foi afetado pelo processo. Com exceção da construção médio-passiva, todos os outros empregos podem ser esquematizados

dessa forma. Em consonância para com essa ideia, Manney⁶ (2001) ao opor a média em relação ao sentido da construção ativa afirma que:

A construção média foi definida por meio do cruzamento linguístico de acordo com duas propriedades. Primeiramente, nos casos em que a média é o membro de um par transitivo-intransitivo, o objeto direto de uma construção transitiva é entendido como o sujeito da variante média correspondente do mesmo verbo e o agente nominal da construção transitiva não é tipicamente expresso na variante média. Segundo, a construção média tipicamente descreve uma situação genérica ou estado, ao invés de um evento de mudança de estado em que o paciente é afetado (MANNEY, 2001,p.32).

A autora reconhece a existência no grego moderno de categorias semânticas da medial semelhantes ao grego antigo, tais como as de processo espontâneo e as cognitivas (processo mental, perceptiva e atividade mental).

Kemmer (1993), Vasques-Yamuza (2000), Allan (2003) e a abordagem contemporânea funcional baseada em *corpus*

Um dos mais completos trabalhos acerca da voz média é, sem dúvida, o de Kemmer (1993) que reúne um importante estudo acerca da voz média em diferentes línguas no mundo, mais especificamente, uma análise tipológica comparada de sistemas médios de trinta línguas.

No segundo capítulo de sua obra, a autora nos apresenta um inventário contemplando diferentes tipos de voz média frequentemente marcados morfologicamente pelas línguas, nomeando e enumerando treze categorias dentre as quais, por ordem de apresentação e das línguas de ocorrência, temos: 1) *Arrumação ou cuidado corporal*: encontrado em línguas como o jola; no latim, *lavor*, no húngaro etc.; 2) *Movimento de não translação*: nórdico antigo; húngaro, alemão.; 3) *Mudança na postura corporal*: jola, alemão e húngaro.; 4) *Média indireta*: grego antigo, turco e latim.; 5) *Eventos naturalmente recíprocos*: nórdico antigo, húngaro e latim.; 6) *Movimento translacional*: grego antigo, bahasa indonésio, pangua.; 7) *Média emotiva*: guguyimiddhir, alemão, mojave.; 8) *Atos de fala emotivos*: latim, alemão e grego clássico.; 9) *Outros atos de fala*: mojave, latim e húngaro.; 10) *Média cognitiva*:

⁶ Manney (2001) nos apresenta um trabalho bastante completo sobre o sistema médio, porém seu objeto de estudo é a língua grega moderna. Seu trabalho foi utilizado com a finalidade de entendermos como a voz média no grego moderna tornou-se uma categoria exclusivamente semântica.

latim, nórdico antigo e mohave.; 11) *Eventos espontâneos*: changana, turco e nórdico antigo.; 12) *Média logofórica*: islandês; 13) *Médias facilitadoras, impessoais e passivas*: canuri, alemão e francês.

Diante de nosso objetivo de perpassar as abordagens teóricas sobre voz média, não se torna possível, por hora, esmiuçar cada uma das categorias supracitadas. De qualquer forma, em relação a esses critérios estabelecidos por Kemmer (1993), com exceção da média logofórica e a facilitadora, todas as demais podem ser exemplificadas no grego antigo. Em 1, por exemplo, o sentido é o mesmo que o da Média Reflexiva Direta, empregada por Allan (2003); os usos 2, 3 e 6 se equivalem ao uso pseudo-reflexivo de Rijksbaron (1994), que reúne, quase que exclusivamente, verbos de movimento. A média indireta (4) é a mesma que a média reflexiva indireta no grego. 5, 8, 9 e 10 são os verbos depoentes do grego, tais como: (5) μάχομαι, *lutar*; (8) ὀλοφύρομαι, *lamentar*; (9) μυθέομαι, *falar*; (10) λογίζομαι, *calcular*. Os empregos 7 e 11 correspondem ao uso pseudo-passivo de Rijksbaron (1994) (7) φοβέομαι, *temer*; (11) τήκομαι, *derreter*. Em meio a essas classificações, Kemmer (1993) afirma que, embora até certo pontos diversos esses empregos, a propriedade semântica que os une é a relativa distinguibilidade de participantes, afirmando o seguinte:

Relativa elaboração de eventos pode ser pensada como o grau em que diferentes aspectos esquemáticos de uma situação são separados e vistos como distintos pelo falante. Este efetivamente pode escolher enfatizar ou não a resolução com que um evento particular é visto, a fim de dar ênfase sua estrutura interna a uma extensão maior ou menor⁷(KEMMER, 1993,p.211).

Essa propriedade, segundo a autora, acaba por englobar a noção de *afetação do sujeito* e, dessa forma, a voz média pode ser disposta numa escala gradativa de dois extremos, entre eventos de dois participantes e de eventos com um participante.

Figura 2

Evento de dois participantes	Reflexiva	Média	Evento de um participante
-------------------------------------	------------------	--------------	----------------------------------

- <-----> +

Grau de distinguibilidade dos participantes

⁷ Tradução nossa.

Primeiramente, para Kemmer (1993), as noções fundamentais na interpretação do valor semântico da medial são o *Initiator* e *Endpoint*⁸. Para a autora, a oração transitiva é o modelo conceptual básico para entender essas noções, as quais são papéis semânticos gerais e englobam outros vários, e mais específicos. *Initiator* abarca os papéis que envolvem uma conceituação de “ponto de partida” de um evento, tal como *agente*, *experienciador* e *fonte mental*. *Endpoint*, por outro lado, engloba os papéis de “ponto de chegada” como *paciente*, *recipiente* e *beneficiado*. Uma vez que eles englobam papéis semânticos mais concretos, são chamados de macro-papéis pela autora. A partir dessa definição de marco-papéis, Kemmer, então, define que a voz média pode ser classificada como uma categoria de voz que apresenta tanto *Initiator* quanto o *Endpoint*, em concordância com a teoria de Langacker (1979).

Em relação ao esquema apresentado na figura 2, nos extremos da escala estão os eventos de um e dois participantes. Este último, para Kemmer (1993) possui participantes bem distinguíveis, sendo os elementos *Initiator* e *Endpoint* entidades totalmente separadas. Num evento reflexivo, a distinguibilidade é menor; o marcador reflexivo (ἐαυτόν, em grego antigo) aponta para uma correferencialidade dos participantes no evento em que ambos são normalmente entidades distintas. Na reflexiva, a separação de dois participantes é, portanto, até certo ponto, mantida. No tipo média os dois papéis, *Iniciador* e *Endpoint*, são reunidos num único participante. Assim, a distinguibilidade de participantes é mínima, embora maior em comparação a eventos de apenas um participante. No caso da média, um certo grau de complexidade interna existe por virtude do aspecto iniciador e afetado que é invocado.

Torna-se adequado, contudo, salientar que especificamente no grego antigo, essa conclusão de Kemmer parece não ser totalmente adequada. Se pensarmos que o principal traço semântico das verbos médios em grego contempla o elemento *afetação do sujeito*, podemos atribuir essa noção à de *Endpoint*. Ocorre que existe uma diferença no sistema médio grego em comparação ao de outras línguas, justamente o fato de, na língua helênica, o sujeito oracional não se equivaler, sempre, ao *Initiator*, visto que a voz média grega contempla também

⁸ *Initiator* equivale, em português, à noção de iniciador ou ponto de partida, enquanto *Endpoint* é ponto final ou de chegada. Diante dessas opções de tradução, optamos, neste trabalho, por manter os termos em inglês, remetendo-nos aos originais empregados por Kemmer (1993).

o sentido canônico da passiva.

Se pensarmos nas línguas europeias modernas elencadas por Kemmer, cujo sistema medial se originou de marcadores reflexivos, essa diferença se torna bastante pertinente. Nessas línguas, segundo a autora, a categoria prototípica está ligada a ações de arrumação ou possivelmente às ações do tipo de movimentação corporal, como mudança na postura corporal e movimento translacional e não translacional, ao contrário do grego antigo, conforme salienta Allan (2003), em que os verbos de arrumação são relegados a um emprego de importância inferior, devido à baixa frequência, enquanto que os processos mentais são o pilar central de emprego da voz média.

Novamente, tal como fizemos com o esquema de representação da media com o modelo cognitivo de Langacker (1994), os conceitos *Initiator* e *Endpoint* podem ser atribuídos como características da voz média, porém não em sua totalidade. No entanto, essas noções são de extrema importância, uma vez que relegam uma quantidade bem menor de exceções à regra geral.

Seguindo nossa escala cronológica crescente, no que se refere aos trabalhos linguísticos mais recentes, Vasquez e Yamuza (1999) fazem uma abordagem funcional-cognitiva da voz média grega⁹, iniciando com a seguinte afirmação:

A *diátesis* média tem como diferença global com a ativa o fato de tratar de acontecimentos encaminhados ou enfocados, parcialmente ou totalmente, em seu agente ou iniciador ou centrados na entidade a que se referem. Há, portanto, dois traços que a caracterizam: *interioridade* e *afetação* (VASQUEZ-YAMUZA, 1999, p.229).

Nesse sentido, os autores trazem uma definição que pode ser entendida como uma ampliação daquela feita por Humbert (1964), de significação pessoal ao sujeito, estendendo essa definição com os conceitos já utilizados por Givón (1984), de *interioridade* e *afetação*. A partir daí, os autores, então, separam seis protótipos para a média, sendo eles:

9 Embora Vasquez-Yamuza (1999) e Allan (2003) façam uso de classificações próximas ou, muitas vezes semelhantes, nesta seção mostraremos como a gramática funcional cognitiva resume os empregos, embora tenhamos em mente que, do ponto de vista didático, as classificações de Allan parecem mais adequadas.

a) *Médio Interno*, em que há indicação de um sujeito implicado no interior do assunto, isto é, acrescenta-lhe, independentemente de sua função, agente ou processado, uma noção de interioridade, reafirmando a ideia de que a *diátesis* média ou se limita a assinalar, codificar, quase redundantemente, as propriedades de um evento, sua interioridade; ou acrescenta o significado *interioridade e implicação do agente* a um evento que por si só não teria traço.

b) *Protótipo médio afetivo* em que há indicação de um sujeito afetado, por exemplo: κύων ἐπὶ τὸ πολὺ ἀφίξεται <ἐπὶ>τόπον ὑλώδη χνεύουσα. **κατακλίνεται** γὰρ τὸ θηρίον ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ εἰς τοιαῦτα - O cão chegará a um lugar com muitas árvores marcadas. Pois a fera **se inclina** assim em muitos lugares (Xenofonte, A Caça 10).

c) *Protótipo médio reflexivo*, que expressa também um sujeito afetado por sua própria ação, ou seja, o agente é fonte e meta do fluxo de energia, sendo o traço *afetação* não inerente a todos esses predicados. Para Vasquez-Yamuza (1999), a reflexividade é o elemento que distingue esse esquema dos demais protótipos, isto é, o sujeito é agente-paciente. Por exemplo: καὶ χειρῶσάμενος [Ἡρακλῆς] τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν **ἠμφιέσατο**, τῷ χάσματι δὲ ἐχρήσατο κόρυθι. - Após derrotar o leão, [Héracles] **vestiu-se** com a pele e serviu-se da cabeça boquiaberta como elmo (Apol. *Biblio.* 2.4.9).

d) *A média interna*, que conta com um predicado que ocorre no âmbito interno do agente ou entidade processada e, envolve, na maioria das vezes, processos de experiência. Por exemplo: ἀνίαθει δὲ Ἡρακλῆς προσδραμὼν τότε βέλος ἐξείλκυσε - Héracles, tendo se perturbado, após se apressar, retirou a flecha [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4).

e) *A média afetiva*, em que o traço *afetação do sujeito* seja enfatizado, tornando os predicados redundantes, uma vez que essa noção já está implicada nos lexemas, afirmando que são mais comuns em verbos de deslocamento. Por exemplo: πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρύωνα παραγενέσθαι εἰς Θήβας [...] - Mas antes que Anfítrio **chegasse** à Tebas [...] - (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

f) *A média recíproca* que, resumidamente, trata-se de orações com ações de agentividade compartilhada, incidindo

em pacientes que ora são agentes da ação. Exemplos: [...] εἰπούσης δὲ ὅτι τῇ προτέρῳ νυκτὶ παραγενόμενος αὐτῇ συγκεκοίμηται [...] – [...] quando ela lhe contou que ele estivera na noite anterior e **dormira** com ela [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

g) A média reflexiva, cujos protótipos são dois: direto e indireto, sendo este um afastamento do primeiro, em que a reflexividade aparece diluída, distinguidos da seguinte forma pelos autores:

A reflexividade indireta é uma “versão diluída” da reflexividade direta em dois aspectos. Primeiro, o número de participantes. A média reflexiva direta é uma versão reduzida da ativa. Constitui um marco intransitivo derivado de um marco transitivo. Na média reflexiva indireta, ao contrário, a redução do número de participantes a partir do esquema ativo é imperceptível, porque afeta um participante muito periférico, o beneficiário. Segundo, o conceito de transitividade implicado. Na média reflexiva indireta, as noções relevantes de afetação e fluxo de energia que parte do agente e reverte sobre ele próprio são percebidas com menos intensidade e clareza do que na média reflexiva direta. O sujeito agente-beneficiário é indiretamente afetado por sua ação e em menor grau que o paciente. Além disso, a energia que emana dele é dirigida primeiro para o paciente, somente reverte para ele como um destino mais secundário¹⁰ (VASQUEZ-YAMUZA, 1999, p.244).

As classificações de Vasquez-Yamuza (1999) são, provavelmente, as mais completas em comparação ao que apresentam as gramáticas gregas, bem como os materiais didáticos. Quando comparadas com as de Allan (2003), há uma quantidade menor de classificações, número que chama atenção, já que para o autor, existem outros cinco empregos da medial. Cabe ressaltar, contudo, que a gramática funcional-cognitiva não deixa claro como o traço *afetação do sujeito* configura-se como marca comum entre os predicados médios, ao passo que a maior ênfase se dá no sentido da construção e não nesse papel semântico do sujeito. De maneira geral, embora entendamos a voz média, primariamente, como uma ação em que, de alguma forma, o sujeito que a realiza é afetado, esse traço não é tão evidente se analisarmos os verbos, isoladamente. Quando inseridos num contexto, os exemplos da medial parecem mais claros, mas há, ainda, a necessidade de uma maior descrição das formas de afetação e como elas justificam o emprego dessa voz verbal.

A esse respeito, Allan (2003) apresenta um dos mais completos trabalhos de pesquisa de voz média acerca do grego antigo, com base

10 Tradução nossa. Grifos do autor.

em conceitos semântico-cognitivos e uma abordagem baseada em *corpus*, em que defende a ideia de que essa categoria gramatical pode ser analisada como uma categoria de rede complexa¹¹. Diante disso, tomamos por base para este trabalho as classificações estabelecidas pelo autor, que define a voz média como uma rede polissêmica de significados inter – relacionados que, de maneira geral, expressa ações, estados e processos em que o sujeito passa por uma afetação. Ele considera os tipos de uso da medial elencados por Rijksbaron (1994) envolvidos numa relação semântica de forma polissêmica, de modo que em modelos categóricos complexos, essas relações são chamadas de *extensões*, sendo que, embora haja traços semânticos compartilhados por todas, há traços salientes em que se diferenciam. O autor afirma que:

De acordo com o modelo básico de uso da gramática, é concebível que um esquema abstrato esteja menos arraigado e seja de importância secundária no uso da língua. No falar e no ouvir, o usuário da língua tende mais a ativar os tipos de uso da média mais concretos do que o super-esquema de *afetação do sujeito*. Por exemplo, é plausível que, quando um grego ouvisse a palavra ἴσταιμι num contexto sem um objeto direto ou agente externo, o nó de nível menor da categoria *pseudo-reflexiva*, que especificava que o sujeito passa por uma mudança de estado iniciada por ele mesmo, era ativado primeiramente. O esquema abstrato com a única implicação de que o sujeito é afetado pode ter sido ativado de forma mais amena ou de forma alguma. Claro que essa afirmativa não pode ser testada numa língua morta, como o grego antigo e, portanto, enfraquece meu argumento (ALLAN, 2003,p.27).

Allan (2003) tem por objetivo criar um mapa semântico que englobe os diferentes usos da voz média no grego antigo. Para isso, as onze classificações estabelecidas por ele para a medial referentes a seu aspecto semântico são: a) Média – passiva; b) Média como processo espontâneo; c) Média como processo mental; d) Média como movimentação corporal; e) Média como ação coletiva; f) Média recíproca; g) Média reflexiva direta; h) Média perceptiva; i) Média como atividade mental; j) Média como ato de fala; k) Média reflexiva indireta.

Todas essas categorias acima devem ser avaliadas a partir do papel semântico do sujeito da oração analisada. Em trabalhos prévios, verificamos exemplos extraídos da obra *Biblioteca*, de Apolodoro, com

11 O termo cunhado pelo autor em questão é de voz média como uma *complex network category*.

base nos seguintes papéis semânticos: a) Agente; b) Paciente; c) Experienciador; d) Beneficiário; e) Recipiente.

Conforme salientamos, a voz média no grego é morfologicamente marcada, o que torna possível identificarmos, rapidamente, numa lista de ocorrências, as terminações médias. No entanto, há a possibilidade de ambiguidade nessas terminações, visto que média e passiva, no grego, compartilham as mesmas desinências nos tempos presente, imperfeito, perfeito e mais que perfeito, sendo distintas apenas no futuro e no aoristo. Por conseguinte, no caso de uma desinência em um dos quatro primeiros tempos, o primeiro passo é verificar se se trata de uma construção tipicamente passiva ou média. Além disso, por vezes ativa e média compartilham também mesmas formas. Pensemos, por exemplo, em εὐστοχῆσαι, do verbo εὐστοχέω, “sucedêr”: essa construção pode corresponder à terceira pessoa do aoristo optativo ativo; ao infinitivo aoristo, ativo e à segunda pessoa do singular, do aoristo imperativo médio. Diante desse problema, torna-se, então, necessário, analisar o contexto em que a frase está inserida, a fim de sanar as possibilidades de variantes de seu significado. No caso de uma desinência exclusivamente média, a análise do contexto é feita, a fim de confirmarmos a classificação dessa forma verbal, de acordo com os grupos estabelecidos por Allan (2003). Tomemos agora, como exemplo, o verbo θεάομαι, *ver; contemplar*, na seguinte frase: 1) ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολοὴν Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα **θεασάμενος**, θάψας αὐτὸν [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - Após retornar a Fóloe, ao **ver** Fólo morto, Hércules enterrou-o [...].

Compreendido o contexto, a tarefa seguinte é analisar e classificar esse emprego da medial em uma das categorias propostas por Allan (2003). Trata-se de uma *Média Perceptiva*, já que o sujeito percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais e, assim, possui papel semântico de *experienciador*, marcando sua afetação. Vejamos mais um exemplo: 2) ὁ δὲ πολιορκούμενος ἐπεκαλέσατο τὸν Ἡρακλέα βοηθὸν ἐπὶ μέρει τῆς γῆς (Apol. *Biblio.* 2.5.2) - Como estava sitiado, **chamou em seu socorro** Hércules, em troca de um pedaço de terra.

Na frase acima temos um bom exemplo de como o traço afetação do sujeito fica evidente, diferenciando a construção média da ativa. Em grego, *chamar*, forma ativa, καλέω, opõe-se à forma média καλέομαι, *chamar em socorro*, sendo que na média, tal qual na frase acima, o

sujeito é beneficiário da ação e, por conseguinte, afetado por ela.

Embora os critérios elencados por Allan (2003) sejam os mais completos e capazes de abarcar todo o variado uso da voz médio do grego antigo, algumas dessas características, contudo, possuem limites muito próximos umas das outras e, por essa razão, podem, muitas vezes, ser confundidas. Ademais, parece-nos possível diminuir o número de categorias, unindo as categorias mais próximas num único grupo. Essa tarefa, assim como um maior detalhamento das categorias do autor e a identificação de uma categoria prototípica média do grego serão abordadas futuramente, em artigos oportunos.

Conclusão

Em relação à voz média, a dificuldade de estabelecer parâmetros para seu emprego, independe da língua analisada, proporcionou, conforme expusemos em nossa análise acerca dos estudos linguísticos, inúmeras tentativas de definições, culminando nas abordagens mais recentes, cujas novas análises e conclusões também se explicam pelo surgimento das novas ferramentas tecnológicas para o auxílio nas pesquisas linguísticas, tais como os trabalhos baseados em *corpus* que abarcam os aspectos semânticos e funcional-cognitivos da voz média.

Dessa forma, optamos por expor um panorama que resumisse os trabalhos acerca da medial ao longo do tempo, desde as definições dos gramáticos antigos, até os trabalhos de pesquisa linguísticas iniciados no século XX, a fim de mostrarmos como o traço *afetação* do sujeito é, provavelmente, o aspecto que a define no grego antigo e como isso pode ser identificado a partir da análise de alguns exemplos contextualizados.

Referências

ALLAN, Rutger J. *The Middle Voice in Ancient Greek. A Study of Polysemy*. Leiden and Boston: Brill, 2003.

APOLLODORUS, Apollodorus. *The Library*, with an English Translation by Sir James George Frazer, F.B.A., F.R.S. in 2 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921. Includes Frazer's notes. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>.

_____. *Biblioteca*. Trad. y notas SEPÚLVEDA, M. R. Introducción ARCE, Javier. Madrid: Gredos, 1985.

BENVENISTE, Émile. Actifetmoyendans le verbe. In: *Journal de Psychologie*, 43. 121-130 [retomado em *Problèmes de Linguistique general I*, 168-175. Paris: Gallimard, 1966].

BOHEM, I. *De la "voix" et de la "diathèse"*. In: COLOMBAT, B et SAVELLI, M. *Métalangage et terminologielinguistique. Actes Du colloque international de Grenoble*. Grenoble: Peeters, 1998, p. 91-111.

BRUGMANN, K. *Greek Grammar*, 1903. In: ALLAN, Rutger J. *The middle voice in ancient Greek*, Leiden and Boston: Brill, 2003.

CHANTRAINE, P. *Morphologiehistoriquedugrec*. Paris: Klincksieck, 2^{ed.}, 1961.

GILDERSLEEVE, B. L. *Syntax of classical greek*. Nova Iorque, Cincinnati, 1900 - 1911.

GIVÓN, T. *Voice and inversion*. Amsterdã, John Benjamins, 1994.

GREENBERG, J. *Conflict in the middle voice*. *Psychoanalytic Quarterly*, 2005, 74:105-120.

KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins. 1993.

KÜHNER, R & GERTH, B. *Ausführlichegrammatik der griechischenSprache*, Capítulo 1: *elementar - und Formenlehre*, 2 volumes. Hanover. HahnscheBuchhandlung, 1904.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*, Vol.1 Stanford University Press. Stanford, 1987.

_____. *Concept, imagem and symbol: the cognitive basis of grammar*. Nova Iorque, Mouton de Gruyter, 1991.

_____. *A dynamic usage-based model*. In: BARLOW M. & KEMMER S, *Usage-based models of language*, Stanford, CSLI, 2000.

LIMA, M. C. *Reflexões sobre a medialidade em português*. In: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4585.pdf. Acesso: 01/06/2012.

_____. *A categoria de voz nas gramáticas tradicionais pré-NGB (I e II)*. In: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(27\)01.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(27)01.htm). Acesso: 01/06/2012.

LYONS, J. *Linguistic Semantics*, UP. Cambridge, 1996.

MANNEY, L.J. *The middle voice in modern Greek*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. 1998.

MEILLET, A. *Introduction à l'étudecomparativedes langues indo-européennes*. Paris 1937.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

RIJKSBARON, A. *The treatment of the Greek middle voice by the ancient grammarians*. In: *Cahiers de philosophieancienne* 5, Brussels, ÉditionsOusia,

427-44, 1987.

_____, *The syntax and semantics of the verb in Classical Greek*, Amsterdã, Gieben, 1994.

VÁSQUEZ, YAMUZA & GARRIDO. *Gramática Funcional- Cognitiva del Griego Antiguo I. Syntaxis y semántica de la predicación*. Univ. de Sevilla. Serie Manuales Universitarios, 44, 1999.

VENDRYES, J. *Une categorie verbale: le mode de participation du sujet*. BSL 44, 1948, 1-20.

Recebido em 23 de outubro de 2012.

Aceito em 19 de março de 2013.